



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DE VITÓRIA DE SANTO ANTÃO**

SANDRO JOSÉ DA SILVA

**USO DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NO ÂMBITO DA
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

VITÓRIA DE SANTO ANTÃO

2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DE VITÓRIA DE SANTO ANTÃO
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM LICENCIATURA
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

SANDRO JOSÉ DA SILVA

TCC apresentado ao Curso de Educação Física em Licenciatura da Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico de Vitória, como requisito para a obtenção do título de Graduação em Educação Física em Licenciatura.

Orientador: M.e Renato Machado Saldanha

VITÓRIA DE SANTO ANTÃO

2016

Catálogo na Fonte
Sistema de Bibliotecas da UFPE. Biblioteca Setorial do CAV.
Bibliotecária Ana Lígia Feliciano dos Santos, CRB4- 2005

S586u Silva, Sandro José da.
 Uso das tecnologias de informação e comunicação no âmbito da educação Física Escolar / Sandro José da Silva. - Vitória de Santo Antão, 2016.
 34 f.

 Orientador: Renato Machado Saldanha.
 TCC (Licenciatura em Educação Física) – Universidade Federal de Pernambuco, CAV. Núcleo de Educação Física, 2016.
 Inclui bibliografia.

 1. Educação Física e Treinamento - ensino. 2. Tecnologia Educacional. 3. Educação. I. Saldanha, Renato Machado (Orientador). II. Título.

796.083 CDD (23.ed.)

BIBCAV/UFPE-080/2016

SANDRO JOSÉ DA SILVA

**USO DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NO ÂMBITO DA
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

TCC apresentado ao Curso de Educação Física Escolar da Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico de Vitória, como requisito para a obtenção do título de Graduação em Educação Física em Licenciatura.

Aprovado em: 12/07/2016.

BANCA EXAMINADORA

Renato Machado Saldanha

Marco Antônio Fidalgo Amorim

Danilo Figueiredo do Nascimento

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, que se mostrou criador, que foi criativo. Seu fôlego de vida no meu ser foi sustento e me deu coragem para questionar realidades e propor sempre um novo mundo de possibilidades. À minha família, por sua capacidade de acreditar e investir na minha pessoa, em especial minha irmã Socorro e minha Mãe, seus cuidados e dedicação foi que deram, em alguns momentos, a esperança para seguir. Lidiane, minha amada, companheira, amigo, namorada sua presença significou segurança e certeza de que não estou sozinho nessa caminhada. Aos meus amigos, pelas alegrias, tristezas e dores compartilhas. Com vocês, as pausas entre um parágrafo e outro de produção melhora tudo o que tenho produzido na vida. E por fim aos meus professores, mestres que desde os primeiros dias de aula reforçaram em mim o espírito de guerreiro, a cada dia tenho me tornado crítico superador, nunca esquecerei do amor de um professor por sua prática pedagógica, presenciei e venho refletindo todos os aspectos dessa ação desde o dia em que vi Marco Fidalgo lutar para consegui uma sala melhor para minha turma, e junto a Renato Saldanha, Magadã Lira, Danilo Figueredo entre outros são símbolos singelos de carinho, humildade, homens humanizados, de seres emancipados onde sempre impulsiona seus alunos a não aceitar o mundo como é, pois ele não é, apenas está sendo e a partir do momento que intervirmos no mesmo, as mudanças começam a surgir, como seres históricos podemos e devemos mudar o nosso meio.

RESUMO

O presente trabalho tem por intenção identificar de que forma vem sendo utilizadas as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's) no âmbito da Educação Física Escolar, o que nos faz indagar em que processo caminha tal interação? A inclusão da tecnologia em diversos ambientes profissionais vem se mostrando de grande valia. Nessa perspectiva esse trabalho tem por objetivo compreender a importância dessa ferramenta de comunicação aliada à didática utilizada na aula de Educação (Física) através de revisão da literatura, os resultados têm como base entrevistas realizados em dois artigos de pesquisas cujos objetivos eram semelhante ao nosso tema em escolas públicas do estado de Santa Catarina que mesmo sendo mínima vem crescendo e cada vez mais se ver necessário investigar sobre o tema.

Palavras-chave: Educação. Educação Física Escolar. TIC.

ABSTRACT

This study is intended to identify how is being used Information and Communication Technologies (ICTs) in the context of physical education, which makes us wonder what process moves such interaction? The inclusion of technology in various professional environments has been shown to be of great value. In this perspective this study aims to understand the importance of this communication tool combined with didactic used in class Education (Physics) through literature review, the results are as interviews basis conducted in two research articles whose objectives were similar to our topic in public schools in the state of Santa Catarina that even minimal and has been growing and increasingly see a need to investigate on the topic.

Keywords: Education. School Physical Education. ICT.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 OBJETIVOS	15
3 EDUCAÇÃO E O PROCESSO DE HUMANIZAÇÃO	15
4 A ESCOLA BRASILEIRA E A EDUCAÇÃO FÍSICA ATRAVÉS DOS TEMPOS ..	18
5 ANÁLISE DO USO DAS TIC'S NA EDUCAÇÃO (FÍSICA)	23
6 CONCLUSÃO	30
REFERÊNCIAS	32

1 INTRODUÇÃO

No dia 30 de novembro de 2015, a Secretaria de Educação de Pernambuco mobilizou parte de sua rede em atividades referentes ao “Dia da Conectividade”. Parte da Campanha Nacional Internet na Escola, capitaneada pela Fundação Lemann (braço social de um conglomerado financeiro-industrial sob o comando do megaempresário Jorge Paulo Lemann), tal ação visa mobilizar a sociedade para cobrar do Governo Federal acesso à rede mundial de computadores em todas as escolas do País. O secretário de educação do Estado de Pernambuco, Amancio, 2015, concorda com o foco da campanha: “Internet na escola virou algo prioritário em muitas nações e, no Brasil, não pode ser diferente, pois os alunos serão os grandes beneficiados nisso”.

A campanha citada é apenas mais uma que vem somar esforços para a incorporação de novas tecnologias no ambiente escolar. Nos últimos anos, várias iniciativas governamentais, como o ProInfo, o Projeto Um Computador por Aluno (UCA), o Programa Banda Larga nas Escolas (PBLE), entre outros, mobilizaram recursos públicos para garantir a inclusão digital dos estudantes brasileiros. Em Pernambuco, tablets e computadores já foram distribuídos para alunos e professores, em ação bastante divulgada pela mídia.

Todo esse esforço parte do entendimento de que é preciso “modernizar” o sistema educacional brasileiro. Nossa escola, principalmente a escola pública, teria se tornado “antiquada”, “obsoleta”, e não seria mais capaz de atrair a atenção dos jovens. Para superar essa “crise” seria necessário aproximá-la da vida contemporânea, através da incorporação de aparatos tecnológicos que marcam nosso cotidiano.

As Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's) compreendem os recursos e possibilidades utilizados para comunicar e obter informações que mobilizam amplos sistemas tecnológicos (Bianchi, 2008). Sua incorporação pela escola, dizem seus defensores, seria o caminho para romper as fronteiras do ambiente escolar, aproximando-o da vida comunitária. Contudo, apesar de toda a propaganda oficial, não é difícil encontrar professores que se mantêm céticos sobre as possibilidades educacionais de tais ferramentas. “No âmbito das aulas de educação física, por exemplo, a aquisição de novos aparatos pelas escolas ainda

não foi capaz de gestar mudanças perceptivas nas práxis pedagógicas”. (Chanan e Douglas, et al, p. 4, 2010).

O imaginário social sobre a Educação (Física), que ainda remete a uma disciplina puramente prática, espaço de exercitação do corpo e descanso do intelecto, parece contribuir para a pouca abertura para incorporação de inovações tecnológicas nas aulas. Por outro lado, mesmo quando pensamos na Educação (Física) em uma perspectiva diferente, de forma crítica, como a disciplina responsável por desenvolver, em âmbito escolar, “uma reflexão pedagógica sobre o acervo de formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da histórica, exteriorizadas pela expressão corporal” (COLETIVO DE AUTORES, 1992. p. 38), ainda assim não é muito comum observarmos o uso das TIC's em aula.

O presente trabalho tem por intenção analisar o uso das tecnologias de informação e comunicação (TIC's) no âmbito da Educação Física Escolar. Procuraremos identificar algumas propostas de uso presentes na literatura, refletindo sobre suas limitações e potencialidades. Para além do discurso apologético da tecnologia, procuraremos responder a seguinte questão: De que forma pode a incorporação das TIC's contribuir para a qualificação das aulas de Educação Física?

A resposta para tal questão, porém, deve ser precedida de algumas considerações. Uma Educação Física de qualidade, nos parece, é aquela que consegue contribuir efetivamente para a concretização dos objetivos da escola. Faz-se necessário, portanto, refletir antes sobre a função da instituição escolar, e sobre as particularidades da Educação Física nesse ambiente.

Portanto, tal trabalho se divide em quatro partes. No primeiro capítulo, abordaremos uma perspectiva ontológica do homem e seus desdobramentos sobre a educação. No segundo capítulo, reconstruiremos a trajetória da educação (e da educação física) no Brasil. No terceiro capítulo analisaremos uma proposta de utilização das TIC's, analisando os avanços e os limites dessa proposta. Por fim, apresentamos nossas considerações finais.

2 OBJETIVOS

Objetivo Geral:

- ✓ Analisar o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's) no âmbito da Educação Física Escolar.

Objetivos Específicos:

- ✓ Identificar, na literatura da área, diferentes propostas de uso de TIC's nas aulas de Educação Física.
- ✓ Refletir sobre as possibilidades e limites das TIC's em uma pedagogia crítica de Educação Física.

3 EDUCAÇÃO E O PROCESSO DE HUMANIZAÇÃO:

Aparentemente, a educação é uma unanimidade na sociedade brasileira. Não há nenhum político em campanha, por exemplo, que não diga que essa é uma de suas pautas principais. Da mesma forma, comentaristas da mídia, empresários, sindicatos e movimentos sociais parecem concordar que um futuro melhor passa necessariamente pela valorização da educação. Paradoxalmente, porém, a maioria de nossas escolas permanece na penúria.

Se não há discordância sobre a importância da educação para forjar uma sociedade melhor, a definição de como seria essa nova sociedade ainda é bastante controversa. Cada setor, classe ou grupo social defende um modelo de sociedade, uma forma de organizar a vida coletiva, de acordo com seus interesses. Conseqüentemente, os projetos de educação são tantos quantos são os projetos de sociedade existentes.

Para compreendermos a relevância da educação na definição da vida social é preciso analisar a dinâmica de formação dos sujeitos dentro da sociedade, o processo pelo qual nos tornamos membros de uma coletividade. Como pressuposto de tal análise, assumimos a compreensão ontológica de que a formação humana é síntese de relações sociais concretas. Ou seja, nos afastamos aqui de uma perspectiva metafísica, idealista, que concebe o homem como fruto de uma “natureza” universal, uma “essência” interior, e buscamos compreender a existência humana como resultado de um processo histórico.

“Na área da Educação, nós mudamos com processos” (CORTELLA, 2014, p.14). Neste caso, a formação do homem pode ser resumida como um processo de sucessivas redefinições dos limites de sua natureza, ou seja, um ato contínuo. Diferentemente de outros animais, que têm sua existência bem definida por seu aparato biológico, o homem foi (e ainda é) capaz de exceder tais limites, redefini-los constantemente. Segundo o pensamento materialista-histórico-dialético, foi através do trabalho (uma atividade consciente e criadora) que o homem pode se “desgrudar” da natureza, em uma superação dialética.

O trabalho seria, assim, a ação vital, distintiva do homem. Por não ter uma natureza “auto-suficiente”, por não ter em seu aparato orgânico todas as condições para sua existência, o homem precisa se relacionar com o meio, intervir na natureza para suprir suas necessidades. É verdade que outros animais também agem sobre o

seu entorno, porém, o fazem guiados por um impulso natural ou “instinto”, somente o homem é capaz de planejar e executar uma ação pensada, consciente, criativa.

Essa capacidade de agir e forma consciente, é o que o difere dos outros animais, lhe garante outra característica exclusiva no mundo animal: a liberdade. O fato de ter necessidades “em aberto”, que precisam ser satisfeitas pela sua produção sobre o mundo, é o que garante ao homem a possibilidade de escolher, optar, tomar decisões autônomas.

Essa liberdade se ampliou ao longo da história à medida que a humanidade produziu soluções cada vez mais engenhosas para suprir a suas necessidades. Tais produções, ao mesmo tempo em que permitiram um crescente distanciamento da natureza e, conseqüentemente, ampliação da liberdade de ação humana, tornaram a vida do homem paulatinamente mais complexa. O pleno desenvolvimento das potencialidades humanas depende cada vez mais do domínio de técnicas, saberes e ferramentas complexas, que exigem maior tempo de aprendizagem.

Assim, não existe uma essência humana independente da atividade histórica dos seres humanos, da mesma forma que a humanidade não está imediatamente dada nos indivíduos singulares. Essa humanidade, que vem sendo produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens, precisa ser novamente produzida em cada indivíduo singular (DUARTE, 1998. p. 2).

A educação, portanto, é uma atividade exclusivamente humana, sistemática e intencional, fruto da necessidade de transmitir às novas gerações saberes, técnicas e conhecimentos produzidos ao longo dos anos pela humanidade. A apropriação desse patrimônio é fundamental para a plena humanização dos sujeitos, para que possam produzir sua existência de modo livre e consciente, ou seja, a educação tem por função socializar os sujeitos à produção humana, como forma de humanizá-los.

Entre as recentes produções humanas, que alteraram nossa forma de ser e de se relacionar com os demais, está o nosso objeto de estudo: as Tecnologias de Informação e comunicação. Podemos dizer que, em nossa sociedade, a apropriação dessas novas ferramentas tecnológicas é necessária para plena humanização do sujeito. Porém, é importante lembrar que uma das características do sistema capitalista é a desigualdade entre os sujeitos:

Composta por dominantes e dominados; em um neoliberalismo onde as exigências perpassam à autonomia, à crítica, à reflexão e à versatilidade. Esse tipo de sociedade exclui, por conta do capital, a maioria da população no que diz respeito ao processo de alfabetização, levando-o à marginalização. Assim, trilham-se os interesses da “sociedade dominante”, ou seja, as pessoas com um poder aquisitivo elevado, ou com uma grande influência política-econômica, infiltram seus pensamentos caracterizando-os como verdades; dogmas que devem ser seguidos (DUARTE; BARBOZA,

2007, p 2).

A apropriação da produção humana, em uma sociedade capitalista, é sempre desigual. A educação não está fora desse contexto. Por isso, a defesa de uma sociedade mais igualitária passa pela defesa de uma educação que garanta aos sujeitos a apropriação das produções mais avançadas da humanidade. Não por acaso, tal educação nunca foi interesse das classes dominantes. No próximo tópico analisaremos brevemente a trajetória da educação formal no Brasil, como forma de compreender melhor nosso presente.

4 A ESCOLA BRASILEIRA E A EDUCAÇÃO FÍSICA ATRAVÉS DOS TEMPOS

Não se estabelece uma sociedade perfeita por decreto, quer esse decreto parta de um inventor, intelectual paternalista, quer do próprio povo. Para Marx tal acontecimento só poderia ser alcançado através de uma longa luta que teria suas etapas e características indicadas pelo processo social, de acordo com o momento social (COELHO, 1987, P.62 – 3 apud LEITE, 2009, p. 33). Ainda assim, podemos afirmar que todas as diretrizes educacionais são pensadas como formas de intervenção na dinâmica da sociedade, ou seja, como um instrumento a mais para se consolidar um projeto de sociedade almejado. Saviani (2013) divide a história da educação brasileira em quatro períodos. O primeiro entre 1549 a 1759, o segundo de 1759 a 1932, o terceiro de 1932 a 1969, e o quarto de 1969 até os dias de hoje.

A primeira fase se inicia com a chegada dos Jesuítas nas terras brasileiras, e é marcada pelo monopólio da pedagogia de vertente religiosa da pedagogia tradicional. Como o Brasil ainda era uma colônia de Portugal, a educação permitida por aqui era aquela que atendesse aos interesses de dominação da metrópole e da Igreja (sua aliada). Era uma educação dogmática, centrada na autoridade do professor, e que tinha como objetivo difundir, pela instrução e pela catequese (inseparáveis naquele modelo de educação), as ideias, tradições e valores do colonizador em nossas terras.

A expulsão dos jesuítas das colônias portuguesas e a Reforma Pombalina da educação marcam o início do segundo período de nossa educação. O aumento paulatino da influência de ideais iluministas pressionava por mudanças na educação, o que fez com que esse período (de 1759 a 1932) fosse marcado pela coexistência entre as vertentes religiosa e leiga da pedagogia tradicional.

A vinda da Família Real Portuguesa para o Brasil, em 1808, e o posterior processo de independência (1822), torna necessário o investimento na formação de uma elite governante e de quadros militares. É desse período a abertura dos primeiros cursos superiores nacionais, com as faculdades de direito do Recife e de São Paulo, nos primeiros anos do Brasil independente. Com a abolição da escravatura (1888) e a proclamação da república (1889) a instrução das massas e o combate ao analfabetismo se tornou uma preocupação, que ocasionou um sensível esforço de ampliação da rede de ensino. Porém, podemos afirmar que a marca da

educação desse período era ser fortemente excludente e elitista.

O terceiro período é caracterizado pela ascensão e declínio de um movimento renovador de nossa educação. A divulgação do “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova”, em 1932, é um marco importante da época, quando se pretendia substituir os ideais da educação tradicional pelo ideário da pedagogia nova. Nessa concepção, o eixo pedagógico se desloca;

[...] do intelecto para o sentimento; do aspecto lógico para o psicológico; dos conteúdos cognitivos para os métodos ou processos pedagógicos; do professor para o aluno; do esforço para o interesse; da disciplina para a espontaneidade; do diretivismo para o não-diretividade; da quantidade para a qualidade; de uma pedagogia de inspiração filosófica centrada na ciência da lógica para uma pedagogia de inspiração experimental baseada principalmente nas contribuições da biologia e da psicologia. Em suma, trata-se de uma teoria pedagógica que considera que o importante não é aprender, mas aprender a aprender (SAVIANI, 2008, p. 9).

Apesar de todo o esforço de organização de uma estrutura educacional nacional (como a criação do Ministério da Educação e a inclusão de um capítulo sobre a educação na constituição de 1934), todo experimentalismo pedagógico da época não foi capaz de dar as respostas necessárias aos desafios da educação nacional. A expansão da educação pública (exigência de um processo incipiente de industrialização nacional) se deu com o aumento do dualismo entre escolas de elite e escolas para as massas.

Por fim, a partir da década de 60 (principalmente após o Golpe Militar de 1964 e as reformas educacionais implementadas pelo governo militar), a influência da pedagogia nova vai sendo superada pela pedagogia tecnicista.

A partir do pressuposto da neutralidade científica e inspirada nos princípios de racionalidade, eficiência e produtividade, essa pedagogia advoga a reordenação do processo educativo de maneira a torná-lo objetivo e operacional (SAVIANI, 2008 p. 12).

Nesse contexto, a educação se vê submetida totalmente aos interesses do chamado setor produtivo, como fator de produção de “capital humano”. Aprender passa a ser compreendido apenas por “aprender a fazer”. Embora com a existência de outras vertentes contra-hegemônicas (após o processo de redemocratização, na década de 80), podemos afirmar que tal tendência, ou suas variações, é a predominante até os dias de hoje.

É interessante notarmos que a ampliação de vagas na educação formal veio acompanhada por um processo de esvaziamento de conhecimentos da nossa escola. A escola tradicional, para poucos, formadora de uma elite governante, deu

espaço para experiências de escolas que não fornecem aos sujeitos condições de compreender e transformar sua realidade, garantindo assim à manutenção do status quo, a hegemonia da classe burguesa.

Hoje, mais do que nunca, grupos capitalistas exercem grande influência sobre as políticas educacionais, defendendo o aprofundamento de uma pedagogia tecnicista, e o esvaziamento de conhecimentos da escola. Nosso sistema educacional repete à exaustão tais grupos, estaria “superlotado” por conteúdos inúteis. Seria preciso aproximá-lo da realidade, através de um “enxugamento curricular”.

Tal argumento se ampara na ideia de que vivemos em uma sociedade da informação, onde o papel do professor e da escola precisam ser repensados, já que tudo que o aluno precisa já está disponível, de forma democrática, na grande rede mundial de computadores. Para compreendermos os desdobramentos de tal pensamento, é preciso diferenciar conhecimento de informação.

No cotidiano normalmente não é costumeiro estabelecer diferenças entre conhecimento e informação. Todavia há diferença e identifica-la é muito necessário para compreendermos essa sociedade midiática. Em uma demonstração fica visível a diferença: Duas pessoas acabam de se encontrar e numa forma consensual falam seus respectivos nomes e talvez até como estejam se sentindo (bem ou não), esta apresentação são informações, ou seja, dados sobre determinados indivíduos ou circunstâncias do estado de cada. Dizer que só porque sabemos o nome ou o estado atual de determinada pessoa, não implica dizer que o conhece.

Em um período da educação não muito longínquo e ainda presente em nossas escolas, vê-se professores avaliando o aluno através de quanto o mesmo conseguiu memorizar ou guardar informações sobre um determinado assunto “vomitado” em sala de aula como se as mentes destes fossem um grande cofre. Nesse quesito os computadores são extremamente mais eficazes do que a mente humana.

O conhecimento vai além de um acúmulo de informações, é um processo intelectual que indaga, analisa e estabelece relações das informações a este direcionado para com as outras já obtidas, e esse é um processo contínuo que leva a emancipação do sujeito, aprendendo assim a não aceitar de bom grado tudo que a

monarquia (a mídia) da contemporaneidade impõe seja uma verdade absoluta, o conhecimento o faz superar o senso comum.

Cabe ao professor/educador problematizar constantemente situações para um despertar crítico sobre a espetacularização esportiva na TV, desenvolver ações pedagógicas nas perspectivas apontadas da educação para a mídia, contextualizado em suas aulas não produzindo estereótipo de consumo, subsidiando rotineiramente aos educandos ações sobre os sentidos implícitos e explícitos do espetáculo esportivo (SANTOS JR., 2008).

A educação física, como não poderia ser diferente, também foi afetada por essas mudanças nos rumos pedagógicos da escola. É importante, porém, retrazar sua trajetória para compreender suas particularidades.

Embora, pelos documentos oficiais, a educação física já figurasse no currículo escolar desde meados do século XIX (com a Reforma Couto Ferraz, de 1851, e Leôncio de Carvalho, de 1882), apenas no século XX ela vai ser de fato efetivada nas escolas brasileiras. A sociedade escravista desprezava o trabalho braçal, e não aceitava que seus filhos praticassem tais atividades. É apenas com a república, quando um projeto de “modernização” de nossa sociedade ganha força, é que o ato de se exercitar ganha espaço por aqui.

Com a república, ganha força paulatinamente uma elite urbana, que buscava se distanciar do passado agrário e escravista dos tempos do império. Para isso, buscava adotar novos hábitos, mais “modernos”, como os exercícios físicos. É claro que para isso, não lançariam mão de práticas corporais populares, como a capoeira, o maracatu ou algum jogo local. A solução foi importar do continente europeu práticas como os Esportes e os métodos ginásticos, que diferenciassem das classes menos abastadas.

Assim, a Educação Física ingressa no currículo da escola brasileira primeiro como ginástica, ancorada fortemente em um discurso médico higienista (de promoção de hábitos saudáveis e moralmente corretos) e eugenista (de melhoria da raça). Outra característica marcante desse período é que as aulas eram ministradas exclusivamente por instrutores físicos do exército, que traziam para a escola a rigidez da disciplina militar. “Constrói-se, nesse sentido, um projeto de homem disciplinado, obediente, submisso, profundo respeitador da hierarquia social” (COLETIVO DE AUTORES, 1992. p. 53).

Com a vantagem de favorecer a construção de um “espírito competitivo”, a partir da metade do século XX o esporte supera a ginástica e se torna o conteúdo hegemônico dentro da educação física. As aulas de educação física, já marcadas pela influência médica e militar, passam a ser também espaço de reprodução dos códigos e valores da instituição esportiva.

Esses códigos podem ser resumidos em: princípios de rendimento atlético/desportivo, competição, comparação de rendimento e recordes, regulamentação rígida, sucesso no esporte como sinônimo de vitória, racionalização de meios e técnicas, etc (COLETIVO DE AUTORES, 1992 p. 54).

A tendência à instrumentalização do corpo, a partir da lógica da racionalidade, eficiência e produtividade, típica do esporte de rendimento, casa perfeitamente com os princípios da pedagogia tecnicista, predominante no Brasil desde final dos anos 1960. O contexto político da época, pouco aberto à crítica, contribuiu para que tais práticas fossem ideologicamente usadas como distração, a serviço da manutenção da ordem social.

Na década de 1980 surgem no Brasil várias propostas pedagógicas renovadoras para a educação física. A nova legislação educacional, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9394/96, ainda que de forma ambígua (ao manter, por exemplo, critérios físicos para dispensa dos alunos), incorpora o debate da época, promovendo a educação física a componente curricular obrigatório, que tem a função de levar o aluno a experimentar, conhecer e refletir sobre as práticas corporais sistematizadas. Porém, é forçoso reconhecer que, 20 anos após esse novo marco legal, práticas fundamentadas no paradigma anterior ainda são predominantes na área.

Fica claro, portanto, que a educação brasileira como um todo, e a educação física especificamente, sempre estiveram submetidas aos interesses da classe dominante. Aos sujeitos da classe trabalhadora lhe é negado os meios para garantir a reprodução autônoma de sua vida. Seja mantendo os sujeitos fora da escola, seja esvaziando-a de conhecimentos, as classes dominantes estabelecem pela educação formas de dominação. No próximo tópico analisaremos brevemente a trajetória da educação formal no Brasil, como forma de compreender melhor nosso presente.

4 ANÁLISE DO USO DAS TIC'S NA EDUCAÇÃO (FÍSICA)

Utilizaremos nesse capítulo como base, uma análise crítica do artigo As Tecnologias de Informação e Comunicação na rede municipal de ensino de Florianópolis: possibilidades para a Educação (física), publicado em dezembro de 2008 pela revista Linhas, Florianópolis, v 9, n 2, p. 56 – 75, que tem como objetivo geral diagnosticar a realidade das escolas municipais de Florianópolis quanto à utilização das salas informatizadas (SI) e propostas pedagógicas desenvolvidas nesses locais.

O artigo fora realizado pela Doutora em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina (2015). O pensamento da autora em relação à inserção da tecnologia para com a educação frisa a importância de não ter apenas o maquinário (táblet, computadores, internet), mas também os alunos e professores tenham conhecimento do saber usar pedagogicamente estas ferramentas.

Bianchi (2008) nos traz a expressão “sociedade do conhecimento ou da informação” que segundo a mesma “se refere às trocas de informações estabelecidas em mais de um sentido”, fortalece essa afirmação com a citação: “Nesse sentido, pode-se dizer que a informação é a nova moeda de troca ou uma nova medida de valor”. Como já foi visto no capítulo anterior, informação e conhecimento não são as mesmas coisas como a autora aparenta passar, são distintos, onde a informação é de cunho superficial e conhecimento é mais profundo, completo no sentido de compreender um fato, uma ação etc.

As perguntas que norteiam o artigo são baseadas no entendimento da afirmativa de que vivemos em que vivemos na “era do conhecimento ou da informação”:

Será possível pensar em uma educação que transpasse as barreiras econômicas, políticas, culturais no que tange ao acesso às TICs? Como se encaminha o ensino, nas escolas públicas, para o uso das TICs? E como deve proceder a Educação (Física) nessa nova conjuntura permeada pelas tecnologias? É possível pensar em mídia-educação nas escolas? (BIANCHI, 2008, p. 2).

Durante o artigo é um caminho dificultoso para que as respostas dessas perguntas sejam positivas, mas não são impossíveis e algumas dessas como pensar em mídia – educação nas escolas, já existe diversos projetos como esse em desenvolvimento no âmbito inclusive da Educação/Física, como citado pela própria autora no artigo:

Diversos pesquisadores e grupos de pesquisas em Instituições de Ensino Superior com produção em periódicos e congressos que vêm se debruçando nas questões envolvendo a presença e as implicações das TICs na Educação (Física) em seus diferentes contextos de atuação: esporte, educação, lazer e saúde. Entre eles estão: Observatório da Mídia Esportiva da Universidade Federal de Santa Catarina; Laboratório de Comunicação, Movimento e Mídia na Educação Física da Universidade Federal de Santa Maria, e Grupo MEL – Mídia, Memória, Esporte e Lazer – da Faculdade de Educação da UFBA (BIANCHI, 2008, p. 5).

Bianchi, 2008, faz uma relação entre a tecnologia e a educação, esta conclui que apenas o conhecimento da língua oral e a escrita não é o bastante para o individuo tomar uma posição crítica a respeito do uso e desuso da tecnologia inserida no âmbito educacional.

Faz-se necessário entender os códigos de linguagem audiovisual e da informática, ter capacidade para saber aprender, critérios para selecionar e situar a informação, e o conhecimento básico para dar-lhe sentido e convertê-la em conhecimento pessoal, social e profissional (BIANCHI, 2008, p. 15).

A tomada de decisões críticas de um sujeito vai além do conhecimento do uso de uma ferramenta, está intimamente ligada à emancipação do mesmo, onde o individuo se reconhece como parte de todo o processo desde a construção até o uso e desuso do instrumento. Isso apenas fortalece o conceito de conhecimento explicado no capítulo anterior, onde é necessário o aprofundamento do aprendizado e a importância da educação continuada, e dessa forma o individuo poderá ser capaz de tirar suas próprias conclusões a respeito do assunto, fomentando ideias/ações para intervir no meio em que vive.

Estamos em pleno acordo com a crítica realizada a respeito do plano virtual da internet e sua importância tratada no artigo que é à base desse nosso capítulo, onde;

Quando utilizada sem existir um projeto educativo para justificar sua presença no meio escolar, a utilização da mesma passa a ficar sem sentido, logo se faz importante à escola organizar e reagrupar esse conjunto de informações proporcionadas pelas TICs reestruturando seus currículos e espaços físicos e dando um novo significado às exigências provocadas pela era tecnológica (BIANCHI, 2008).

As tecnologias de informação e comunicação são ferramentas presentes no processo cotidiano tanto dos docentes como dos discentes, o que no passado fora

um tabu econômico, a obtenção de tais ferramentas no dia a dia na posse da classe baixa. Atualmente é comum encontrar indivíduos de tal classe social usufruir ao menos de um aparelho celular, ou seja, um instrumento presente na vida da maioria dos alunos. Nessa perspectiva Bianchi, 2008, p. 6, enfatiza que “pensar nas TICs como artefatos de produzir significados sobre a vida humana se torna importante para sua análise e propor uma intervenção pedagógica acerca delas na educação, campo onde podemos interferir na formação da sociedade”.

Não utilizar pedagogicamente as TIC's seria negar os conhecimentos contemporâneos aos discentes, contudo é válido indagar a respeito da educação e “interesses” do aluno; O estudo da contemporaneidade irá aprisionar a educação ao cotidiano? Ou pensar os interesses históricos dos sujeitos?

Ao pensar em tecnologia para a educação, deseja-se que esta seja útil para educar, ou seja, um saber que possibilite a organização de ambientes de aprendizagem que permitam aos professores e alunos condições favoráveis de atingir seus propósitos educativos (BIANCHI, 2008, p. 2).

A autora nesse trecho apresenta um uso das TIC's como suporte para ambientes na educação, isso não implica dizer que um tablet, por exemplo, irá substituir o livro, ou que a biblioteca física dará espaço as diversas bibliotecas online. Contudo reafirmo que se faz necessário à emancipação do sujeito para a busca do conhecimento na inclusive na internet, pois nem toda informação contida na mesma é conhecimento, o fato de ser aberta/livre (na maioria dos casos) para postagens sobre literaturas diversas sem uma averiguação devida do conteúdo, o leitor mal direcionado navega em um campo de informação sem fundamentos científicos, além do que os meios de interação como redes sociais têm donos e estes monopolizam o que devem ou não ser postado pelo usuário.

Nesse contexto, é importante indagar a respeito da contribuição na incorporação das TIC's para qualificar a Educação Física Escolar em seu atual momento de afirmação como parte do corpo disciplinar da escola e não apenas um complemento para demais disciplinas – a interdisciplinaridade é de fato importante para uma didática rica no trato do conhecimento, contudo o professor não deve esquecer das especificidades que torna a disciplina diferente das demais, justificando dessa forma a necessidade de tê-las no âmbito educacional escolar.

Na primeira entrevista realizada por Bianchi, 2008, uma das coordenadoras expõe a sua opinião a respeito do assunto em questão, onde a mesma trata as TIC's

como um instrumento que auxilia no processo do trato com o conhecimento. Ainda a mesma cita esta inovação no campo educacional como um fator de transformação no papel do professor.

Entrevista 1 – As TIC's não substituem o professor, mas modificam algumas de suas funções, ele deve se transformar no estimulador da curiosidade dos alunos, no coordenador do processo de apresentação dos resultados, no questionador e contextualizador desses resultados, transformando assim essa informação em conhecimento. É muito importante que o professor aproprie-se desta tecnologia, descobrindo as possibilidades de uso que ela permite à aprendizagem do aluno, favorecendo assim o repensar do próprio ato de ensinar. Implementar a informática educativa não significa simplesmente introduzir o computador e softwares educacionais na escola. Os softwares devem ser utilizados dentro de um contexto e inseridos em projetos, visando o desenvolvimento integral do aluno, as múltiplas inteligências e a criatividade. (BIANCHI, 2008, p. 13).

As abordagens pedagógicas da Educação (Física) mais atuais costumam ser dinâmicas, trabalham a ludicidade sem perder o trato com o conhecimento tornando assim quase limitadas as formas de trabalhar os elementos que compõe a disciplina dar vida a sua legitimidade na escola, contudo são mínimas o uso pedagógico com o complemento das TIC's na sala de aula de Educação (Física).

O que se viu foi o uso de alguns suportes tecnológicos, como câmera fotográfica digital e aparelho de som nas aulas, na perspectiva de utilizar as TICs apenas como recurso audiovisual, todavia sem planejamento e desconectados de uma proposta educacional que vise capacitar os alunos a desmitificar a linguagem midiática e seu modo de funcionamento e produção (BIANCHI, 2008, p. 15).

Bianchi, 2008, p. 15, “percebeu ao longo do seu estudo, que a Educação (Física) ainda se mantém afastada das questões que envolvem o uso e a discussão das TICs no desenvolvimento dos conteúdos”, tal afirmação é compreendida quando analisamos a forma do professor que não tem nenhuma disciplina a respeito do assunto ou que lhe dê suporte para o mesmo.

Com o intuito de acrescer ainda mais em nossa discussão analisamos algumas entrevistas realizadas pela autora Morisso et al, 2013, com professores da rede pública, esse estudo procura investigar a inserção das TIC's nas aulas de Educação (Física) e em um dos depoimentos do professor de Educação Física ficou ainda mais claro a limitação do uso das TIC's.

Entrevista 01 (...) Uso as tecnologias disponíveis na escola para pesquisas, solicito trabalhos aos alunos, e produção de vídeos. (Os alunos filmam com suas maquinas digitais e celulares uma dança, por exemplo, isso facilita para os que são inibidos, cada um filma um pedaço e depois monta o vídeo). (Morrisso et AL, 2013, p. 6)

Dificuldades na utilização das tecnologias de informação e comunicação, e até mesmo a falta desta em sala de aula de Educação Física é verídica, contudo é importante averiguar tal informação e entender porque isso acontece. Ficou constado a partir de entrevistas realizadas em visitas às escolas e da aproximação com a área específica, quatro exemplos de professores com características diferentes;

1) os professores que olham as TICs com desconfiança, por não saberem ao certo do que se trata, tentando, dessa forma, adiar o mais que podem o encontro com as tecnologias; 2) os que utilizam as TICs no seu cotidiano, no entanto não conseguem estabelecer relações entre as tecnologias e a educação, porque desconfiam que elas não contribuem para que eles alcancem seus objetivos; 3) professores “integrados” que demonstram entusiasmo diante do “novo”, e logo introduzem as TICs nas suas aulas, porém sem alterar efetivamente as formas de ensinar e aprender; 4) Além disso, há também aqueles educadores que conseguem fazer emprego das TICs de modo bastante cuidadoso e criativo (BIANCHI, 2009, p.3).

Entre estes averiguamos dois tipos de professores; O desconfiado e o entusiasmado. Este último faz o uso alienado das TIC's apenas para constar a “inserção” da ferramenta em sua pedagogia de ensino, contudo o trato com o conhecimento fica em segundo plano, não consegue emancipar seus alunos. Enquanto o professor desconfiado analisa todo o processo, e verifica de que forma é possível encaixar o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação serão de fato necessários para auxiliar no aprendizado dos discentes.

Em um depoimento dos professores entrevistados por Morisso, 2013, reflete bem o exemplo de professor entusiasmado que acaba se tornando “dependente” das TIC's,

Depoimento Professor 17 – É uma bagagem de conhecimento e de informação, hoje não se vive sem isso, tudo depende da tecnologia, mas ela é muito rápida, quando aprendo algo, logo surge uma coisa nova e tem que aprender novamente (MORISSO et al, 2013, p. 7).

A invasão das TIC's na escola tem seus pontos positivos como já citados, mas também deu origem a problemas pela adesão de máquinas como tablets e telefones celulares e seu uso irregular no âmbito educacional, causando a dispersão dos alunos durante a aula.

Essa mudança de comportamento dos discentes gerou um problema de proporção tamanha que fora necessária a criação de uma lei para impedir o uso de celulares e equipamentos eletrônicos nas salas de aula e em bibliotecas das escolas

públicas e particulares de Pernambuco. A lei 15.507, de 21 de maio, regulamenta o uso dos aparelhos no ambiente escolar e prevê punições caso as normas sejam desrespeitadas.

Caberá aos diretores informar os alunos sobre a lei e aplicar as penalidades a partir do que diz o regimento da escola, ou seja, boa parte dos professores não está capacitados a lidar pedagogicamente com o uso das TIC's, muitos como já visto são alienados pelo novo e colocam "a carroça à frente dos bois" ou preferem se inibem ao uso da mesma por medo. Já aqueles que fazem uma análise aprofundada e refletem a respeito do uso no âmbito educacional é a minoria, acreditamos que fosse o contrário não teria sido necessária a criação da lei para impor ao aluno algo que o mesmo deveria aprender em sala de aula com o professor que por sua vez tem sua autonomia ferida.

"A lei só oficializa uma prática já adotada pelas escolas. A utilização para fins pedagógicos é autorizada, mas não permitimos o uso para troca de mensagens, acessar redes sociais ou tirar fotos. As escolas apoiam a lei, pois ela só ajuda o trabalho do professor", destacou o diretor-executivo do Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino no Estado de Pernambuco (Sinepe), (MENDONÇA, 2015).

Vivemos na era digital, onde as informações são de fácil acesso, contudo é papel do professor também ser um farol, uma bússola dando um norte aos alunos nesse ato de aprendizado que é a pesquisa, pois informação disponível não significa necessariamente informação qualificada.

Ao compreender a importância e o lugar das TICs como ferramentas mediadoras para potencializar o ensino aprendizado da escola do novo milênio, a proposta da criação de um Sistema de Informação não deve ser, simplesmente, construir laboratórios de informática nas escolas ou presentear aos docentes e alunos com tablets com tal sensibilidade que leva a ter uma curta vida útil, nos quais os alunos possam fazer pesquisas e desenvolver trabalhos pedagógicos sem ter conhecimento de uso e desuso da ferramenta, da mesma forma que é feito no primeiro ano escolar de uma criança onde o professor não pede para os pequeninos abrirem o caderno e escreverem os seus nomes, isso porque a maioria sequer sabe pegar no lápis de uma forma que venha facilitar o uso. Reafirmamos o que fora dito com Bianchi, 2008, p. 7, onde a autora nos diz:

"O que se deve buscar é fazer com que as diferentes TIC's se incorporem às aulas no desenvolvimento dos conteúdos dos componentes curriculares. É necessário construir uma proposta pedagógica e oferecer formação continuada para os professores

envolvendo o planejamento metodológico com a utilização das tecnologias”.

Na pesquisa em entrevistas com professores, Bianchi, 2008, nos faz refletir sobre o que fora discutido anteriormente em nosso estudo quanto a defasagem do uso das Tecnologias de Informação e Comunicação estarem sendo integradas nas aulas de Educação Física Escolar que se encontra ainda fragilizada nesse aspecto, a autora nos traz os quatro motivos que mais afetaram para esse afastamento.

- 1) O medo de fazer uso das TICs como recursos didáticos e como temas para a problematização;
- 2) Falta de capacitação técnica e pedagógica dos professores de Educação (Física), partindo dos seus questionamentos e da sua realidade;
- 3) Ausência de propostas colaborativas na escola, envolvendo a Educação (Física);
- 4) Alguns tabus e mitos que circundam a Educação (Física) (entre eles, “aula de Educação (Física) é só esporte” ou “aula de Educação (Física) não pode ser na sala”) e impedem sua legitimação na escola. (BIANCHI, 2008, p. 20)

Desta forma concluímos que o professor precisa superar o receio do uso das tecnologias e buscar meios para a interação dessa ferramenta em sua prática educacional fazendo uma ruptura paradigmática no método de ensino de superação para formar indivíduos pensantes para o futuro, sem esquecer da importância da análise dos procedimentos metodológicos no uso das TIC's por ser “modinha”, pois não é se alienando com o novo que se conseguirá a emancipação do aluno, nem negando o conhecimento contemporâneo.

As escolas em seus processos de ensino aprendizagem não deve se adaptar as inovações advindas do avanço da humanidade, mas sim verificar de que formas essas novidades irá integrar no cotidiano daquele espaço. É dessa forma que a inserção das TIC's no âmbito escolar tornará uma ferramenta didática somando as demais para realização do dever da instituição que é formar cidadãos críticos e da busca pelo exercício da cidadania conscientizando os mesmos como sujeito histórico, autônomo e transformador da realidade.

5 CONCLUSÃO

A modernização digital obrigou o ambiente escolar a adaptar-se a nova realidade. O governo brasileiro realizou vários programas visando à inclusão da tecnologia nas escolas para a formação dos alunos. Porém, A utilização das TICs no âmbito escolar, especificamente na Educação (Física) enfrenta uma série de questões que se findam na sua limitação de uso desta. Comumente, via – se fortemente atrelado à Educação (Física) apenas aulas práticas dos elementos que compõe a disciplina. Atualmente esse paradigma vem sendo quebrado através de aulas que construam o conhecimento numa perspectiva de forma crítica, onde a mesma seja responsável por desenvolver, em âmbito escolar, “uma reflexão pedagógica sobre o acervo de formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da histórica, exteriorizadas pela expressão corporal” (COLETIVO DE AUTORES, 1992. p. 38).

Ao longo da história a Educação (Física) percorre um caminho que se restringe a prática visando o bem estar da classe dominante rejeitando o desenvolvimento e emancipação do individuo por meio da mesma. Com o advento da Escola Novista o uso da Educação Física tem mudado sua discussão deslocando seu objetivo desta instrumentalização para a função de plenitude em sua educação amplamente focada no desenvolvimento integral do homem.

O trabalho presente analisou o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação no âmbito da Educação (Física), onde ficou claro a fragilidade da prática pedagógica dessa ferramenta. Para uma melhor compreensão do trato com o conhecimento proposto por nosso estudo, o dividimos em três capítulos;

Iniciamos com uma abordagem numa perspectiva ontológica do homem e seus desdobramentos sobre a educação. Assim procuramos defender: a) Os limites e definições do que é ser “homem”, não são naturais, metafísicos, mas sim históricos definidos de acordo com o desenvolvimento de sua força produtiva; b) a plena humanização do sujeito só acontece quando este se apropria do que há de mais avançado entre as produções humanas. c) uma educação emancipatória, ou igualitária, deve estar a serviço da socialização dos saberes e técnicas que permitem o pleno desenvolvimento humano.

Reconstruímos a trajetória da educação (e da Educação Física) no Brasil, mostrando como elas sempre estiveram sujeitas a relações de poder, e distantes desse projeto de socialização dos saberes.

Analizamos uma proposta de utilização das TICs (se utilizando como base o artigo de BIANCHI, 2008 e algumas entrevistas do artigo de MORISSO et al, 2013) identificando os avanços e os limites dessa proposta. O quanto esta de fato atende aos interesses da classe trabalhadora, e contribui para uma escola mais igualitária, que socializa os saberes e técnicas necessários para a plena humanização do sujeito.

Assim, concluímos que falta um forte investimento na formação dos professores no uso pedagógico das Tecnologias de Informação e Comunicação, para que quebre o paradigma de que o novo deva ser inserido a torto e direito nas aulas, ao contrário vimos que se faz necessário o uso das TIC's sim, mas analisar cuidadosamente antes de concretiza-las nas práticas pedagógicas. Dessa forma haverá a produção do trato com o conhecimento que levará a emancipação crítica do sujeito, onde o mesmo poderá assim intervir nas práticas sociais de sua comunidade, diferente da informação que é algo vago, acrítico.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Fernando José de. **Computador, escola e vida: Aprendizagem e tecnologias dirigidas ao conhecimento**. São Paulo: Cubzac, 2007. 96p.

BIANCHI, Paula. As tecnologias de informação e comunicação na rede municipal de ensino de Florianópolis: possibilidades para a educação (física). **LINHAS**, Florianópolis, v.9, n. 2, p. 56 – 75, jul./dez. 2008.

CHANAN, Douglas dos , *et al.* As tecnologias da informação e da Comunicação nas aulas de educação física Em colégios de ensino médio em londrina – Paraná – **Brasil. Revista Buenos Aires**, v. 15, n. 147, Ago. 2010.

Coletivo de Autores. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. Cortez, 1992. (Coleção Magistério 2º Grau. Série Formação do Professor)

CORTELLA, M. S. **Educação, Escola e Docência: Novos Tempos, Novas Atitudes**. São Paulo: Cortez Editora. 2014.

DUARTE, Ana C. S; BARBOZA, R. J. Paulo Freire: O Papel da Educação como forma de Emancipação do Indivíduo. **Revista Científica Eletrônica de Pedagogia**, v. 5, n. 09, Jan. de 2007.

DUARTE, Newton. Concepções afirmativas e negativas sobre o ato de ensinar. **Cad. CEDES**, v. 19, n. 44. Campinas. Abr. 1998.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. Educar com a mídia: novos diálogos sobre educação. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

MALDONADO, Gisela de Rosso. A Educação Física e o adolescente: a imagem corporal e a estética da transformação na mídia impressa. Barueri, São Paulo, **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 5, n. 1, p. 59-76, 2006

MENDONÇA, A. Lei estadual proíbe uso de celular na escola [26 de maio, 2015]. Pernambuco: **Jornal Diário de Pernambuco**. Entrevista concedida por Anamaria Nascimento.

MORISSO, M. M. Utilização das TIC por Professores de Educação Física de Escolas Públicas da Região Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. In: EDUCOM SUL –

Comunicação e Direitos Humanos, 2., Ijuí-RS, 27 e 28 de junho de 2013. **Anais...** Ijuí, RS, 2013.

PIRES, Giovani de Lorenzi. A pesquisa em educação física e mídia nas ciências do esporte: um possível estado atual da arte. **Movimento**, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 09-22, janeiro/abril de 2003.

PIRES, Giovani de Lorenzi, *et al.* A pesquisa em Educação Física e mídia: pioneirismo, contribuições e críticas ao “Grupo de Santa Maria”. **Movimento**, Porto Alegre, v. 14, n. 03, p. 33-52, setembro/dezembro de 2008.

RIBEIRO, Sérgio Dorenski; PIRES, Giovani de Lorenzi. Pesquisa em Educação Física e Mídia. – Florianópolis: Tribo da Ilha, 2009. 265p.

SANTOS JR, N. J. Espetacularização Esportiva na TV: Ações e Desafios à educação física escolar. In: **Instituição CDOM**. Rio de Janeiro: [s. n.], 2008. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/conpef/conpef3/trabalhos/ordem/04.07S/04.07-05S.pdf>> Acessado em: 20 mai. 2015.

SAVIANI, Dermeval. A pedagogia Histórico-Crítica, as Lutas de Classe e a Educação Escolar. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v 5, n 2, p. 25-46, dez. 2013.

_____. **Escola e democracia: teorias da educação, curvatura vara, onze teses sobre a educação política**. 40. Ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2008 (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo; vol5). Disponível em <https://books.google.com.br/books?id=I3H_pjwHTdAC&pg=PA9&lpg=PA9&dq=do+esfor%C3%A7o+para+o+interesse;+da+disciplina+para+a+espontaneidade;+do+diretivismo+para+o+n%C3%A3o-diretivismo&source=bl&ots=WzhD4ZXEz&sig=IOhsTz2Axa8yyup4bZsBcartTqk&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwjLn6HXluDNAhUMfpAKHS8YDgUQ6AEIHDA#v=onepage&q=do%20esfor%C3%A7o%20para%20o%20interesse%3B%20da%20disciplina%20para%20a%20espontaneidade%3B%20do%20diretivismo%20para%20o%20n%C3%A3o-diretivismo&f=false> Acesso em: 25 fev. 2016.

SENA, Dianne C.S. As tecnologias da informação e da comunicação no ensino da Educação Física escolar. **Hipertextus Revista Digital**, n.6, Ago. 2011.

WERTHEIN, Jorge. A sociedade da informação e seus desafios. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 71-77, maio/ago. 2000.